



*S*em muitas delongas, o cantor, compositor e atualmente uma das maiores referências intelectuais sobre samba e cultura diaspórica, Nei Lopes, conversa com a Revista Outrora sobre sua produção artística e qual o sentido que o carnaval tomou nos últimos anos.

Outrora: Muitas músicas suas como “Justiça Gratuita” e “Águia de Haia” falam em tom de crítica sobre o *status quo* e a posição elitizada em que muitos acadêmicos se colocam. Como você enxerga a recepção do trabalho não acadêmico pela academia? E existe alguma diferença nessa recepção em relação à sociedade em geral.

Nei Lopes: Essas duas obras integram a parcela do meu repertório dedicada ao samba-de-breque, estilo cujas letras são sempre humorísticas ou, pelo menos, irônicas. Ao criá-las, eu apenas busquei o humor, evocando saudosamente minha formação na Faculdade Nacional de Direito da antiga Universidade do Brasil e minha breve incursão pela advocacia, que, aliás,

é muito presente na música e na literatura de ficção que produzo. Entretanto, tenho críticas, sim, àquela parte do ambiente acadêmico que se fecha em si mesma, colocando-se efetivamente como “elite”, no pior sentido do termo, sem olhar para a sociedade em torno e fazendo do corporativismo e da “meritocracia” seu brasão e sua divisa, alimentando a exclusão.

Outrora: Temos presenciado de uns tempos para cá um ataque constante ao carnaval do Rio de Janeiro, inclusive pela atual gestão municipal, que demonstra realizar seu mandato sob uma forte influência dogmática. Como você enxerga o corte de verbas no carnaval daqui e quais são, na sua opinião, os limites entre a fé e as manifestações culturais?

Nei Lopes: No meu entender, há em curso hoje, no Brasil, um projeto de dominação desenvolvido por facções religiosas que buscam ampliar cada vez mais seu poder político; e que, para tanto, vêm atuando em todos os setores da vida nacional. Assim, por verem no patrimônio cultural que historicamente identifica a nação brasileira um entrave ao seu projeto, elas vêm procurando destruir expressões como a música, a dança, os folguedos etc., e principalmente a religiosidade, ou se apropriar delas. E isso, para mim, explica tudo.

Outrora: Você é um dos intelectuais brasileiros mais renomados e proeminentes no tema da diáspora africana. Qual a importância que você atribui ao carnaval e em especial às escolas de samba na preservação da memória negra e da diáspora?

Nei Lopes: O carnaval e as escolas de samba já tiveram papel importante na preservação da identidade afro-brasileira. Mas foram engolidos pela sociedade de consumo e a economia de mercado, e hoje são apenas itens desse universo.

Outrora: O carnaval do RJ hoje se apresenta cada vez mais diferente do que o ocorrido na década de 80. Vemos o enfraquecimento dos pequenos blocos que desfilavam pelos bairros da zona norte e o fortalecimento de um desfile da Sapucaí mercadológico e voltado para o turismo. Como você analisa a mudança dessa dinâmica da festa? Você acredita que isso poderia trazer um impacto negativo na preservação da memória da diáspora?

Nei Lopes: Na sociedade de consumo, o aspecto dionisíaco (festa, farra, brincadeira, subversão de valores) do carnaval só tem valor quando rende lucro. E nessa

valorização, é óbvio, entra também a mídia. Qual o interesse que pode despertar, em âmbito amplo, um grupo espontâneo de foliões que se reúne para brincar o carnaval (e não “desfilar”) num bairro distante, da zona oeste carioca, por exemplo? Por maior que seja a alegria, por melhor que seja a música, por mais animada que seja a dança e por mais criativos que sejam os foliões – folia é sinônimo de bagunça – isso não garante nenhuma cobertura jornalística ou televisiva... Mesmo porque o jornal e a TV precisam “faturar”.

Outrora: Muitas de suas músicas contêm também um forte tom político, como no caso de “Fidelidade Partidária” e “Chutando o balde”. Na primeira você diz que fidelidade partidária é “rejeitar propina na conta bancária, não ter filial subsidiária”. Em “Chutando o balde”, você aparenta demonstrar uma sensação de resignação e cansaço com a política: “Quem não tem água pra beber, nem cozinhar seu de-comer, nem pra lavar, não vai viver chutando o balde. Quem já sofreu e aprendeu, leva na manhã como eu e faz um samba igual ao meu que o povo aplaude”.

Nei Lopes: “Fidelidade Partidária” foi apenas uma brincadeira com a expressão, que estava em moda no momento da criação da letra. E eu vi ali a oportunidade de fazer uma analogia à fidelidade que dedico ao estilo de samba chamado de “partido-alto” – cantado em desafio, com rimas improvisadas ou da tradição oral. Quanto à política, cansaço, sim, é claro; porém, resignação, jamais! Desde 2006 venho publicando minha literatura de ficção, principalmente pela Record, editora forte; e nessa ficção, que engloba romances e contos, o samba e o seu ambiente, por conta da minha vivência, têm um grande protagonismo. E os textos me permitem discutir problemas que a música popular de hoje não comporta

mais. Minha ficção denuncia o racismo, a exclusão, a intolerância religiosa; e tem sido elogiada. Então, como falar em resignação?

Outrora: Qual a sua visão sobre a atual situação política do país com os diversos escândalos de corrupção que surgem a cada dia? E qual o papel que você atribui ao samba, hoje, na construção de uma visão crítica e sensível às questões políticas, sociais e culturais?

Nei Lopes: O terreno da política hoje está minado, como todo mundo sabe. E o samba só teria lugar nessa discussão se pudesse contar com lideranças que compreendessem sua real importância na chamada “economia criativa”. Lideranças que buscassem influir no mercado de produção e difusão da música, que defendessem o samba contra a persistente ameaça de ser engolido pela cultura pop globalizada. Só assim, dotado dessa força, é que o samba poderia ter peso nas questões sociopolíticas que hoje envolvem a cultura brasileira como um todo.

Nei Lopes 23.03.2018